



(AULA MAGNA/ PPGDAS/UNIFAP. 18.08.23)

AS PEDRAS DA MEMÓRIA E A TECITURA DA PESQUISA: um lembrete aos que vislumbram o desenvolvimento sustentável do Amapá e sonham com um mundo melhor para todos (*)

Por Fernando Canto

Mestrandas e mestrandos, ilustres coordenadores, professores, prezados colegas e amigos. boa noite.

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (KRENAK, Aírton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. Cia das Letras. S/d. Pág. 13).

“Há muito tempo não existe alguém que pense com a liberdade do que aprendemos a chamar de cientista. Acabaram os cientistas. Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria” (Idem. Pág. 34).

DE PRIMEIRA, como se falava antigamente, quero dizer o quanto me sinto honrado de estar presente neste momento com vocês. Aceitei o convite mais porque sou egresso deste curso do que por vaidade acadêmica ou algo que o valha.

A GRANDE aula inaugural do curso poderia ser dada por um líder indígena, por um Sacaca ou por uma pessoa que representasse os ribeirinhos, que explanasse seus saberes adquiridos no dia a dia de seus afazeres nos rios ou na floresta, no cerrado ou em outro lugar aonde o conhecimento ancestral

é mais forte que qualquer ciência, ainda mais quando se trata do sentido de preservação e defesa do meio ambiente e claro, da própria vida. Porém, fui convidado a dizer também das minhas experiências sobre a vida, a partir da cidade e o seu desenrolar nas minhas reflexões, porque também fui testemunha de muitos acontecimentos locais, desde jito, como dizíamos.

ISTO POSTO, começo pelas lembranças, pelo caminho oculto do labirinto de Perseu, achado graças ao tino de Ariadne que lhe deu um novelo de fio. Aqui, eu acredito, já me refiro ao *software* primordial, enquanto suporte lógico para a memória. E pergunto: por que fazer um mestrado? Uma graduação não seria suficiente? Por que em desenvolvimento? O que significa isso? E respondo: - Não, não é suficiente, porque os caminhos da pesquisa são muitos e o conhecimento adquirido por elas, dependendo do aceite da comunidade científica onde elas se aplicam é que viram teoria da ciência e teoria do conhecimento, ou seja, mais contemporaneamente, viram estudos de natureza epistemológica, entendendo-se as características do método científico, no qual podemos apenas fazer conjecturas e criar e testar hipóteses, porque a realidade é algo desconfiável. Assim, se não observarmos os fatos como devem ser observados, corremos o risco de ter os conceitos científicos transformados em mito, como coloca Aírton Krenak no seu discurso **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**: *“o mito da sustentabilidade foi inventado pelas corporações para justificar o assalto que fizeram à nossa natureza”* (KRENAK, p. 12). É uma compressão evidentemente particular, uma visão de mundo que não nos impede de refletir sobre essa ideia. Ele diz isso angustiado quando falam que os povos indígenas não estão preparados para dominar os recursos naturais. E justifica: *“recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?”* E complementa *“A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo”* (KRENAK, p. 12). Mas é a sua ótica, a sua razão de defesa, pois a questão do desenvolvimento sustentável não é só compatibilizar o social com a harmonia do desenvolvimento econômico e a conservação ambiental para as futuras gerações. A questão do desenvolvimento sustentável, tão propalada, não visa somente a não-destruição dos recursos naturais. É mais socializante, humano e capaz de gerar grandes possibilidades de desenvolvimento também. O importante é mesmo combater todas as formas prejudiciais à natureza,

explícitas nas ações governamentais de cunho capitalista que geram mazelas de todos os tipos em função do lucro. Desenvolvimento nem sempre é crescimento econômico nem evolução benigna para os povos. E tudo pode ser pensado pela dialética.

COMO MESTRES em desenvolvimento regional logicamente temos que ser especialistas em Amazônia. Isso vocês certamente vão debater à exaustão nas salas de aula, conferências e simpósios, mas eu encerro este preâmbulo para falar da minha contribuição intelectual para o curso e, logicamente, para os interessados no tema fortificações e o quanto isso representou e ainda representa para o desenvolvimento do nosso Estado e seus habitantes, desde que foi um palimpsesto.

REITERO A vocês que o meu trabalho de pesquisa no antigo Mestrado em Desenvolvimento Regional que hoje é o vitorioso PPGDAS, foi sobre a Fortaleza de São José de Macapá, monumento que para mim proporcionou o desenvolvimento econômico da região de Macapá e adjacências durante sua construção no século XVIII. Sempre que posso repito o que disse na minha dissertação, que ela sempre provocou em mim uma grande inquietação. E este é o meu relato.

EU TENHO OBRIGAÇÃO de falar sobre ela, pois sua estrutura de pedra marcou decididamente meu tempo de criança e de adolescente. Foi ao seu redor que comecei a compreender a cidade como um ser vivo, perambulando por suas ruas e me banhando nas águas do Amazonas. Dentro da fortaleza contemplei ainda mais a cidade do alto do mirante plantado no baluarte de Nossa Senhora da Conceição, em experiência inesquecível. Do lado de fora vi os barcos a vela aportados na velha Doca da Fortaleza, aterrada mais tarde numa das muitas modificações urbanas que o lugar sofreu, assim como acompanhei o andar dos trabalhadores que ali circulavam, com seus barulhentos carrinhos de mão. Ouvi os gritos dos meninos que vendiam sacolas e jornais no Mercado Municipal, sons, volumes e cheiros diversos que caracterizavam a paisagem macapaense, lenta, na sua trajetória cotidiana, torrando ao calor do sol equatorial ou sendo fustigada pelas implacáveis tempestades de chuva e vento.

A ESSAS memórias infantis se somou a curiosidade de entender mais sobre a fabulosa construção, que aprendera a ver como um lugar meio tenebroso, cheio de histórias e de castigos que os portugueses impunham aos seus escravos. Então parti para a decisão de escrever sobre a vida desses

construtores, na intenção de misturar a vida real e ficção, a partir dos relatos que eles deixaram escritos, enquanto testemunhas dessa construção.

EM JANEIRO de 1996 solicitei a transcrição atualizada dos documentos referentes à Fortaleza de São José de Macapá durante o período de sua ereção existentes nos códices do Arquivo Público do Pará e fui gentilmente atendido pelo paleógrafo Luiz Carlos de Lima Júnior. Ele me forneceu 407 documentos copiados de mais de noventa códices que contam o panorama da época em Macapá e arredores, considerada por mim a área geográfica da pesquisa. O primeiro deles data de 1762 e o último, de 1781. Em um ano e cinco meses Lima Júnior rastreou os códices e me entregou, em 18 volumes, os documentos que eu iria precisar para o trabalho. Entretanto, as contingências que encontrei alteraram meus planos para a escritura do texto.

FOI SÓ em 2009 que achei de dar outro uso aos documentos. Após breve análise achei que poderia incluí-los em um processo de pesquisa sobre as transformações sofridas pela Fortaleza de São José de Macapá desde a época de sua inauguração; e sobre suas permanências e memórias, o que me levava a uma discussão que certamente não teria um bom resultado devido à amplitude do tema e à dificuldade a ser enfrentada no processo de análise dos resultados, visto que queria estabelecer uma conexão entre as cartas dos construtores e a literatura produzida na contemporaneidade sobre ela.

ANTES, PORÉM, de chegar aí, primeiramente me ative ao contexto social da época da construção como ponto de partida para a pesquisa, pois os documentos falavam de inúmeros assuntos, nem sempre relacionados à obra da fortificação. E dentro deles verifiquei que havia um romance não-escrito sobre a vida desses construtores-personagens. Não escrito por eles nem por ninguém. Havia dentro das cartas os elementos de um romance sobreposto a uma história verdadeira, real, com suas características do gênero da ficção literária. Na realidade eram textos escritos por homens, praticamente desterrados num ambiente que os levava a se inserirem em uma trama que o eu-observador, o eu-organizador cronológico, o autor – teve que redescobrir.

OS TEXTOS tratavam de narrar os acontecimentos do dia a dia da construção, e neles estava implícito o discurso do colonizador, pois havia em seu contexto a missão de construir o edifício militar a fim de salvaguardar a Amazônia dos invasores estrangeiros. Os documentos falam da vila de Macapá

e suas grandes dificuldades; de roubos, bebedeiras, adultérios e morte; das demoras de remessa de material para a obra e das canoas que vêm do Marajó para abastecê-la; da morte de gado, da extração de pedras, da vinda de 200 pretos de Angola, das experiências de cozimento e secagem de tijolos. Há uma carta do senado da Câmara de Macapá que informa que a vila cada vez mais vai crescendo por causa da magnífica e Real obra da Fortificação. Muitas doenças grassam no lugar da construção. Não há remédios eficazes, faltam lápis, pinceis, carmim e tinta da China (nanquim) para os riscos necessário a obra. Mas ao lado de tudo isso está o discurso que caracteriza a luta pelo poder entre as principais autoridades da vila e da obra da fortificação.

AO PESQUISAR dados para o trabalho constatei que era muito grande o número de vezes que a fortaleza aparecia enquanto imagem na vida dos amapaenses; em telas, painéis artísticos, mitos indígenas, canções, poemas, romances, bandeiras, escudos e muitas outras formas de manifestação artística e midiática contemporâneas. Tudo isso são gêneros discursivos que se apresentam inerentes à obra, que a transformam em um ícone da cidade, representativa da vida amapaense e conseqüentemente da formação da identidade local. Da cidade e de seus habitantes.

PARA REALIZAR a pesquisa coloquei o processo do discurso com base histórica, porém na perspectiva de enxergar o assunto através das lentes de novas evidências, contidas agora na agregação literária, artística e midiática sobre o monumento que representa a cidade e a identidade do povo amapaense.

ENQUANTO EU lia e perscrutava as cartas dos construtores objetivando escrever um romance, ele já estava ali em frente a meus olhos, com suas personagens, no ambiente da construção da obra. Mas esta narrativa que ora faço também é um discurso porque traz a ideia da divulgação, do que incorporei realizando-a, sob diversos enfoques e categorias conceituais interessantes para a compreensão maior desse processo histórico e social ocorrido na Amazônia do século XVIII, com suas transformações, permanências e memórias.

O OBJETIVO geral da dissertação está focado na análise desses discursos contidos na produção literária, artística e midiática sobre sua imagem e dimensão simbólica, mas também trata de refletir sobre os aspectos discursivo-literários das cartas e sobre o contexto histórico e social de Macapá no século XVIII. Realizar a leitura do espaço urbano da fortaleza e observar sua

dinâmica e sua imagem enquanto elemento apropriado simbolicamente pelos setores públicos e privados da sociedade tem sua razão de ser porque o seu “topos” é a cidade.

PARA ENTENDER a cidade se exige seguir um fio histórico, unindo pilares identitários do passado, singularidades do presente e vocações futuras. Requer, também, revelar as intrincadas e multifacetadas relações entre formas de perceber a cidade, ler suas fragilidades e soltar as velas dos seus potenciais. Macapá, capital do Estado do Amapá, deve seu desenvolvimento à época da construção do edifício militar, a partir da segunda metade do século XVIII.

A IMPORTÂNCIA da Fortaleza São José de Macapá, reside na sua imponência e grandeza encravada na beira do rio e louvada nos dias de festas cívicas e no aniversário da cidade (dia 4 de fevereiro). Enquanto feito histórico diz-se que ela cumpriu a sua missão de resguardar a entrada do rio Amazonas, apesar de nunca ter disparado um tiro de canhão, sequer, contra algum navio inimigo.

A CIDADE de Macapá, como qualquer outra cidade amazônica de médio porte, tende a diluir a memória de seus habitantes por estar sempre em transformação, dado o seu crescimento desordenado, o alto índice de migração e as mudanças causadas pelas contingências do seu desenvolvimento urbano presente. Mas, considerando que a memória tenta decifrar o passado, ela fixa os sentidos e a identidade, permitindo a sociedade traçar suas origens e reconhecer suas permanências independentemente do tempo, ela também possibilita o reencontro com o sentido de pertencimento e tem a capacidade de viver o hoje.

A FORTALEZA de Macapá, pela sua permanência no espaço e no tempo e pelo seu papel histórico, é um símbolo da cidade e ícone material e memorial da sociedade macapaense. As concepções literárias, artísticas e midiáticas expressas nos diversos discursos sobre ela, vinculadas ou não ao passado, são o resultado dessa relação que contribui para o processo de formação da identidade local.

DESTA FORMA há necessidade de se observar o monumento, hoje, sob o olhar de uma memória coletiva, onde o artista, o escritor, o poeta fazem

parte dela e suas obras representam seus sonhos e utopias, que através de suas sensibilidades “tem desejos de manutenção de valores e sentidos, alternativas de engajamento político ou de ativismo social” (REIS, p. 213). As experiências vividas, as maneiras de ver, escrever, pintar, esculpir, pensar, falar, ouvir, fotografar, relatar, cantar, dançar e representar trazem, pois, informações essenciais sobre a vida no espaço urbano e tem caráter documental. Os artistas, testemunhas das dinâmicas da vida urbana, fazem parte do patrimônio humano da cidade e suas memórias são preciosos instrumentos de construção de identidades coletivas.

A MEMÓRIA dessas pessoas e desses artistas representa uma espécie de esteio da identidade. Cada olhar contido em uma produção artística reflete uma experiência capaz de fornecer memórias sobre a história da cidade, com seus respectivos detalhes sobre a Fortaleza de São José de Macapá. Acredito que essas experiências individuais foram importantes para se conhecer melhor a fortificação em relação ao meu objeto de pesquisa, que são os diferentes discursos sobre ela, desde a sua construção até a contemporaneidade.

NECESSÁRIO SE faz esboçar outros conceitos de memória e de identidade. Segundo Nacarato *et alli*. (p. 177-8), o verbo “recordar”, de origem latina, em sua etimologia, é construído a partir do prefixo “re”, o movimento de “fazer novamente” e de “cordis”, que significa “coração”. Todavia, para os antigos romanos, “cordis” não era apenas um órgão físico vital; era o centro da alma. E colocar algo de novo no centro da alma é trabalho mais denso e intenso que a repetição ou a reativação, seja porque o “de novo” retoma a experiência passada, seja porque esse retomar é sempre uma novidade.

OS AUTORES ensinam que o lembrado e o esquecido compõem uma experiência que é ao mesmo tempo individual e coletiva de forma a constituir o sujeito na medida em que “relembrar é identificar-se consigo e com o outro” (BOSI, P. 178)

A SUBSTÂNCIA social da memória reside naquilo que em nós só pode existir pela relação com o outro, com a família, com o mundo do trabalho, com um tempo, com um lugar, com espaços socialmente constituídos dos quais participamos. Assim, lembrar é esforço e empenho na direção da construção de si (*Idem. Pág. 178*).

O PAPEL ocupado pelos colonizadores, a ordem e o controle eram contrapostos nas adjacências da obra por negros, indígenas e soldados desertores que protagonizaram uma “original aventura para conquistar a liberdade. Com suas próprias ações reinventaram significados e construíram visões sobre a escravidão e liberdade” (*Ibidem*. Pág. 179). E isso emerge no cotidiano dos homens e mulheres daquela época nos documentos epistolares dos construtores. Seus textos constituem peças importantes para que se possa visualizar o painel da produção literária, das artes e da mídia contemporânea sobre a Fortaleza de São José de Macapá, pois carregam vivências, e como tal são memórias coletivas de um tempo.

ESTA LEITURA representa não apenas um discurso identitário e memorial como elementos imprescindíveis na pesquisa por mim realizada. Demonstra também que a sua condução enveredou por muitos caminhos, mas refletiu o que penso ainda hoje por desenvolvimento regional, afinal a Fortaleza de São José de Macapá foi tudo isso. Ela representa um ícone, um monumento de caráter simbólico na paisagem, Uma construção que enche os olhos dos visitantes e nos transborda de orgulho.

A AMAZÔNIA apresenta, no contexto da construção, uma realidade histórica que tem símbolos padronizados e macrocósmicos, como o rio, que passa ao lado da fortaleza, as chuvas torrenciais de verão e as manifestações celestes observadas pelas lentes dos aparelhos astronômicos de Henrique Gallucio. Aliás, os embates técnicos de Gallucio com o rio e com a chuva se dão numa relação de materialidade (na problemática construção do baluarte São José e na constante falta de braços escravos e materiais) e espiritualidade, enquanto barreiras que inviabilizam sua travessia para a cidade de Belém a fim de curar-se da malária, para se libertar do fardo de ser o construtor-engenheiro de tão grande empreendimento militar, num lugar, como já o disse, isolado e insalubre.

ALI NO lugar do desterro “voluntário” dos construtores, o rio traça a linha entre o espaço e o tempo. E o tempo é também o “topos” e reina absoluto. Entretanto não é ofertada aos construtores a dádiva de viverem além do tempo de cumprirem as suas missões. Mas o rio ali adiante cumpre o seu papel mediador, pois ele representa o tempo heraclitiano. E ninguém é mais o que era antes dele. Nem ele. E todos seguem juntos em mudança até

que se desperte a ação de viver ou que se cumpra o ato da extinção da vida sob a inexorável mão de Cronos.

MAS AQUI deixo o resultado dessas reflexões sobre o monumento mais importante do estado do Amapá, com impressões escritas sem o estilo técnico que caracteriza as pesquisas científicas, mas me esmerando para ser compreendido na comunicação, enquanto emissor de uma opinião comunicada nestes textos, que afinal também é um discurso (estilístico), por isso ideológico.

AO TRATAR os dados documentais e bibliográficos encontrei inúmeras informações e conceitos que enriqueceram a pesquisa, que a tornaram possível pela visão holística que deu margem a interpretações sobre os fatos históricos, sociais, míticos e culturais, assuntos que levaram ao acendimento da memória em relação às permanências e transformações da fortaleza, das quais fui testemunha desde criança, enquanto morador de Macapá.

POR ISSO acho conveniente dizer que há uma palavra para expressar algumas razões da pesquisa aqui efetuada: “autopsia”. Autópsia, do grego, quer dizer fazer exame de si mesmo, mas quando usada pela história (e por outras ciências) faz um vínculo com o sentido da visão, isto é, ver com os próprios olhos, ser uma testemunha ocular dos acontecimentos.

E ASSIM procurei estabelecer um arcabouço de informações para que melhor se estude a identidade amapaense, tendo como fundo a simbologia viva da Fortaleza de São José de Macapá, com todas as suas vertentes e gêneros discursivos.

PARA FINALIZAR, digo que o pesquisador, ao se valer dos instrumentos que lhes desvendem as provocações do mundo, deve estar atento às questões que a realidade impõe, pois até a tensão política é também epistemológica, no dizer de Boaventura dos Santos (2009). Pesquisar é aventurar-se, dizia Alba Carvalho (2012), aventurar-se por caminhos inacessíveis porque ali está o rumo do conhecimento que as evidências escondem. Assim, cabe ao pesquisador como um ofício apaixonante e árduo, que ao exercitá-lo incorpora o “*habitus*” científico, preconizado por Bourdieu (1989) porque a pesquisa é um trabalho racional. E só com essa atividade que se pode lançar-se na aventura de conhecer o objeto real e o objeto científico, sabê-los discernir, problematizá-los, construí-los e trabalhar a teoria/empíria no

artesanato intelectual (Mills: 1975) do tear onde se encontram em tecitura os fios da teoria e os fios da realidade. Esse é o trabalho do pesquisador.

NESSA CONDIÇÃO, as dificuldades advindas das provocações e das tensões me trazem a ideia de que se pode experimentar diversos modos de entender epistemologicamente o mundo. Por meio da literatura e da própria obra literária do eu-lírico sobre seu objeto pode-se extrair uma razão metonímica para contrair o futuro e suas ansiedades psíquicas, e expandir o presente no percurso da ciência e do cientista no ofício de pesquisar e obter “um conhecimento prudente para uma vida decente”, como diria Boaventura. A experiência causa a transformação na relação de alteridade. Traz um impacto que faz as coisas mudarem e isso move a ciência e lhe dá aderência e pregnância. Ela instiga no pesquisador o desejo de aventurar-se em busca de novos teares para tecer novos tecidos sociais - que é a realidade - de outras formas, de outras cores. Tudo na pesquisa é um começar de novo. Nada se esgota. E o pesquisador deve viver em estado permanente de tensão e de reflexão sobre os fatos sociais, pois a sua realidade é sempre abrir caminhos e ensejar novos rumos às políticas que venham trazer benefícios e soluções às aspirações da sociedade.

É O que eu tinha a contribuir neste momento.

MUITO OBRIGADO.

Macapá, 18 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, Bertrand Russel, Rio:1989.

CANTO, Fernando. *Fortaleza de São José de Macapá: Vertentes Discursivas e as Cartas dos Construtores*. Brasília: Senado Federal, 2021.

CANTO, Fernando. *Literatura das pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como lócus das identidades amapaenses* 2016. 251f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22090>

CARVALHO, Alba Maria Pinto. O exercício do ofício da pesquisa e do desafio da construção metodológica. *In Cultura: metodologia e investigação*. Maria Manuel Baptista (Org.). Grácio. Coimbra:2012.

KRENAK, Aírton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo. Companhia das Letras. S/d. Pág. 13.

MILLS, Wright. *A Imaginação sociológica*. Zahar. São Paulo,1982

NACARATO, Adair Mendes *et al.* Pelos fios e tramas da memória: Entretecendo narrativas de si, do outro, de todos nós, *in* Memórias, histórias de vida e formação de professores. *Revista Educação e Contemporaneidade*. FAEEBA/UNEB, vol. 17, 2008. Pág. 177-8.

REIS, Glória. Arte, memória e cidades: espaços de vivências coletivas e temporalidades em movimento. MAGDA, Tolentino (Org.) *Nação e identidade: ensaios de literatura e crítica cultural*. São João Del-Rei: UFSJ, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo - para uma nova cultura política*. Cortez, São Paulo. 2009.

Texto proferido no dia 18.08.2023 como conferência em aula magna para os mestrandos do PPDAS/2023 na UNIFAP, a convite dos coordenadores do Programa, Prof. Dr. Marco Antonio Chagas

Por Fernando Canto, mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá, em 2011 e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará em 2017.